

LITERATURA DE CORDEL: Da oralidade a impressão

Júlia Constança Pereira Camêlo*

A literatura popular, originária do Ocidente apresenta três momentos distintos. Nos séculos XI-XIII, como uma expressão leica empreendida contra a cultura eclesiástica¹, em dialetos locais. Portanto restrita aos feudos, pois a movimentação da população só se dava em tempos de guerra ou peregrinação. O outro corresponde ao aumento desses deslocamentos de pessoas, devido, as cruzadas, e também para visitas a locais considerados sagrados. E no século XVI as navegações que impulsionaram a chegada o novo mundo.

Na Europa medieval havia três locais de peregrinação intensa, Roma, Santa Sé, Jerusalém, a Terra Santa, e Santiago, de Compostela. Esses locais, devido ao fluxo de pessoas, acabaram ocasionando a formação de grandes aglomerados humanos. Na França, a região de Provença, era o local onde as pessoas se reuniam antes de atravessarem o mar Mediterrâneo; no norte da Itália, Lombardia era o caminho obrigatório para se chegar a Roma; e a Galícia, área da Península Ibérica que não foi tomada pelos sarracenos, era um espaço que também apresentava um expressivo contingente populacional. (FRANCO JÚNIOR, 1998)

Nessas localidades, era comum a presença de andarilhos que, muitas vezes, também eram poeta. Eles desempenhavam a atividade de narrar os acontecimentos, fazendo o papel dos atuais jornalistas, além de cantarem poemas que retratavam aspectos do cotidiano sempre permeado de muitas proezas. Esses *menestréis* e *trovadores* foram os principais responsáveis pela produção dessa literatura popular. Também se encarregaram de divulgar uma cultura que, inicialmente, caracterizava a vida de uma pequena comunidade ou região, mas que depois, com o passar dos séculos, tornou-se difundida em toda a Europa.

Assim, desde os primórdios da Idade Média, a poesia popular européia já havia se tornado uma manifestação importante e versava sobre os mais diversos assuntos, entre eles, a vida de reis, príncipes, cavaleiros, dos santos e seus milagres. Com o advento das cruzadas os poemas foram enriquecidos com novos subsídios, havendo ainda o intercâmbio cultural com os árabes.

Podemos observar que a cultura popular era essencialmente oral e transmitida em versos, nos locais de maior fluxo e concentração de pessoas, as quais aos poucos acabavam por se fixarem nessas regiões.

* Professora Adjunto II do Departamento de História da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA.

Após o surgimento da imprensa – 1450 – os poemas populares começaram a ser impressos em pequenos livrinhos e em papel de má qualidade, para que o preço fosse acessível à população de baixa renda, que se tornou um de seus maiores consumidores.

Na França, a cidade de Troyes ficou famosa em 1483, por publicar folhetos e "*almanacs*" populares ou literatura de "*Colportage*", vendidos por ambulantes, principalmente nas aldeias camponesas. Além da produção francesa, essa literatura também foi encontrada na Inglaterra, "*chap-book*", as baladas, na Espanha, o "*pliego sueltos*"; em Portugal; a *Literatura de Cordel*. (BENJAMIN, 1980. p 170-188)

As inovações tecnológicas do século XVI, que foram capazes de produzir instrumentos mais precisos para a navegação, como a bússola e o astrolábio, também possibilitaram a construção de caravelas mais seguras que as embarcações anteriores. Tais conquistas permitiram, na prática, aos homens do "*Velho Mundo*" aventuras e proezas que os poetas populares certamente nunca imaginaram em seus poemas.

As transformações científicas, aliadas à centralização política de que o mercantilismo expansionista necessitava, aconteceram, e Portugal conseguiu sair na frente nessa empreitada que tinha como meta descobrir novas terras, viajando sobre mares até então desconhecidos. No entanto, os portugueses não permaneceram sozinhos nessa missão de descobrimento do "*novo mundo*." Os demais países europeus, após terem resolvido seus principais conflitos internos e estruturarem politicamente o Estado Moderno, também buscaram a expansão marítima, visando a conquista de terras e novos mercados, cuja capacidade fosse suficiente para alimentar os interesses mercantilistas de suas economias.

A conquista e a colonização da América efetuada, principalmente, por portugueses e espanhóis, foi marcada pela dominação e imposição não só de políticas, mas também, de traços culturais desses povos. Por isso, os *Pliegos Suelos* e a *Literatura de Cordel* aportaram nas terras do *Novo Mundo* e se destacaram, devido, principalmente, a sua função informativa, capaz de promover sociabilidade, a ponto de figurarem, em algumas comunidades, como a única fonte de informação acessível às pessoas mais pobres.

A chegada às Américas

Essa herança cultural de características europeias, presentes nas colônias, aconteceu não apenas no que diz respeito à literatura popular, mas também a músicas, as festas, as danças, pois o contato com as etnias negra e indígena forneceu novos elementos e novas

temáticas. Porém, o público da literatura popular, em linhas gerais, continuou apresentando as mesmas condições materiais do europeu medieval, pobreza e analfabetismo.

Foram encontrados nos Estados Unidos e Canadá alguns registros dos chap-books ingleses, lendas e contos transmitidos oralmente, porém hoje essa manifestação tornou-se raríssima. No entanto, em toda a América Central, principalmente, em Porto Rico, há uma grande produção de poesia que corresponde à Literatura de Cordel produzida no Brasil. No México, onde há a confecção de poemas denominados *corridos*, que são apresentados em *folhas volantes*, existe a constatação de que eles foram muito utilizados e, conseqüentemente mais divulgados durante a Revolução Mexicana.

Nos países andinos, essa literatura popular chega a ser confundida com a cultura dos índios. Na Venezuela e Colômbia, ela também cumpre um papel social importante. No Chile, a denominação da poesia *criolla* indica os responsáveis pela preservação atual dessa expressão que tem permanecido através dos séculos. Na Argentina e Uruguai, as *payadas*, uma espécie de repente, que apresentam traços da poesia popular do sul brasileiro, têm a produção oral maior do que a escrita, cuja reprodução ainda acontece nessa região. (LUYTEN, 1984).

Podemos, assim, constatar que a literatura popular europeia em versos foi bastante disseminada no Novo Continente, especialmente nos lugares cujas condições sociais eram propícias a sua fixação e reprodução. Isso ocorreu nas colônias dos países Ibéricos, nas quais, como já vimos, anteriormente, a preservação das características culturais da Europa medieval mantiveram-se por mais tempo, ao contrário dos países do *Velho Mundo*, que perderam muito de suas tradições orais devido ao processo educativo. Esses investimentos educacionais não foram tão abrangentes em todas as colônias, pois, ainda hoje, a América Latina revela altos índices de analfabetismo e uma vasta literatura popular.

A Literatura de Cordel no Brasil

Como já vimos inicialmente, os contos, os desafios, as quadras as cantigas e os romances da literatura popular, originários na Península Ibérica, foram disseminados nas Américas, inclusive no Brasil. Tudo indica que a Literatura de Cordel tenha aportado em várias regiões da colônia portuguesa, porém, foi na região do nordeste brasileiro que tal manifestação adquiriu raízes capazes de lhe permitir sedimentação e condições de reprodução até os dias atuais.

O pesquisador Diégues Júnior, justifica essa questão, ao descrever a vida nas fazendas de gado e engenhos, que desenvolveram o modelo de família patriarcal, na qual as relações com a parentela, os agregados e os escravos favoreceram o cruzamento das três etnias. Além disso, havia o fato de que tais localidades estavam situadas nas regiões em que a comunicação com os centros urbanos, geralmente, apresentava-se difícil e demorada.

Isso facilitou a penetração de manifestações orais, cantorias realizadas por duplas de repentistas que saíam sertão a dentro, cantando de improviso sobre os mais variados temas para platéias sempre atentas. Facilitando, também, a manifestação escrita dos cordéis em versos, que discorriam sobre muitos assuntos, entre eles, as próprias pelepas e discussões dos repentistas, histórias de amor, de cangaceiros, de milagres, mas sempre preocupados em trazerem as últimas notícias. (DIÉGUES JÚNIOR, 1977).

No que se refere a esse aspecto do cordel como um veículo de comunicação no nordeste brasileiro, o folclorista, estudioso de cultura popular, Amadeu Amaral, afirmou entre outras coisas o seguinte:

...a literatura popular escrita é consumida pelo povo que não sabe ler direito mas que tem carência de comunicação e sente necessidade de se manter informado do que está acontecendo não somente no seu mundo municipal ou nacional ou internacional (AMARAL, 1976).

Isso que Amadeu Amaral afirmou pode, também, ser verificado nos folhetos, e no interesse demonstrado pelas pessoas que se reuniam em torno de um *ledor* de folhetos e, ainda, na preocupação que os cordelistas demonstram em informar os fatos da maneira mais verídica possível, pois eles sabiam que alguns dos seus ouvintes, muitas vezes, só acreditavam em uma notícia depois que saía um cordel sobre o assunto.

A esse respeito, posso até testemunhar com experiências de minha infância, na década de 70. Lembro-me de ouvir as pessoas que eram leitoras e ouvintes, inclusive, meus pais, ao ouvirem uma notícia pelo rádio, dizerem: *Vamos esperar sair um foiete!*

Os alpendres das fazendas, as bodegas, ou seja, os lugares onde havia uma pequena aglomeração de pessoas, quando uma delas era alfabetizada o suficiente para ler, mesmo que lentamente, constituíam meios propícios para a leitura de um romance de cordel, que era acompanhada por um público atento e participativo, pois era comum a intervenção de alguns ouvintes mais exaltados com palavras de repúdio ou de apoio. Também era comum acontecer, logo após o término da leitura, um forte debate sobre o desfecho da história no qual alguns tomavam partido dos personagens da história e argumentavam em sua defesa, sempre destacando aspectos como a bravura, o heroísmo e a moral.

Vejamos as palavras do estudioso Mário Souto Maior sobre o ambiente em que os folhetos eram lidos:

Lidos à luz dos fífos fumacentos nos alpendres das fazendas, nas bodegas ou nas casas onde alguém está freqüentando a escola rural, mais próxima, após um longo dia de trabalho, os folhetos desde que surgiram na região constituíam também o lazer dos que viviam divorciados do progresso e da tecnologia. (SOUTO MAIOR, 1981. p. 89).

Sobre a observação do pesquisador Souto Maior, gostaríamos de destacar o aspecto do cordel como entretenimento e lazer. Porque, além dos folhetos apresentarem narrativas engraçadas, principalmente o gênero de histórias de animais e de pelejas, a reunião de pessoas possibilitava que nos intervalos ou após o término da sessão de leitura, os compadres e as comadres conversassem sobre seus afazeres, contassem *causos* e anedotas, os mocinhos e mocinhas trocassem olhares, ou seja, criava-se com isso um meio de sociabilidade entre os moradores do lugarejo, no qual o intercâmbio e a comunicação entre as pessoas ganhava amplitude, permitindo que os indivíduos interagissem.

Acredita-se que, desde o século XVI, o cordel já cumpria esse papel de mensageiro no sertão, ainda de forma oral, pois a população era na sua grande maioria analfabeta. Somente, no século XIX quando aumentou o número de pessoas alfabetizadas nas classes populares, foi que ele se tornou escrito, fato que possibilitou mais divulgação, ocasionando, por isso a necessidade de maior produção de folhetos (BATISTA, 1977).

O desenvolvimento da imprensa no século XIX foi fundamental para a impressão daquelas histórias que circulavam de boca em boca entre a população rural do nordeste. A impressão permitiu que histórias contadas ainda no século XVIII fossem impressas e lidas com muito entusiasmo até o presente.

Os primeiros cordéis do nordeste traziam as histórias já famosas no Ciclo Carolíneo, com narrativas sobre Carlos Magno e outras figuras de reis, rainhas, princesas, santos, dragões, Pedro Malazarte, João Grilo e tantos outros.

É curioso observarmos que muitas das personagens, que aparecem nas narrativas em verso dos poetas nordestinos, mantêm os mesmos títulos das personagens da realidade europeia, mas suas características são as dos senhores de engenho dos sertões, dos empregados e trabalhadores rurais, retratando, assim a realidade nordestina, a divisão social, a miséria, a exploração.

Apesar dos poetas, geralmente não expressarem deliberadamente oposição ao dominador, podemos perceber em alguns folhetos, aspectos de resistência. Talvez ela seja até inconsciente, pois, muitas vezes, o poeta não tem a intenção de se colocar em oposição aos

poderosos. Mas, em suas narrativas, a luta está sempre travada e o dominado sempre busca maneiras que lhe permitam vitórias contra o mais forte. Podemos exemplificar isso com os jovens pobres, mas, destemidos que se casam com filhas de fazendeiros, graças as suas bravuras, e, ainda personagem, como João Grilo, que vence sempre pela astúcia, esperteza e oportunismo.

Como já dissemos, anteriormente, foi no nordeste brasileiro que essa manifestação popular sedimentou-se, para outra vez partir em busca de novos caminhos Brasil afora, para o norte, sul, sudeste, centro-oeste, enfim, para todas as regiões do país. Onde surgisse uma frente de trabalho, lá estavam os migrantes nordestinos como mão-de-obra barata sem especialização, fugindo da seca, expulsos pela mecanização do campo e pela ampliação do latifúndio. Mas, nessa viagem, uns levam junto com seus poucos pertences alguns folhetos de cordel, a paixão por essa literatura e, pela terra natal, outros a prática e a inspiração poética.

A ampliação das impressões do século XIX, no nordeste resultou em um apogeu tipográfico no começo do século XX. Folheterias como a de Atayde, que depois foi vendida para José Bernardo da Silva, e várias outras espalhadas por muitas cidades como Guarabira, Caruaru, Feira de Santana e Campina Grande foram muito produtivas. Além dessas houve, ainda, a Luzeiro Editora, em São Paulo, que inovou nas impressões produzindo os folhetos mais tradicionais, com fotos em policromia, o que segundo os vendedores os tornava mais atraentes, para os sertanejos (MEYER, 1980).

Isso não só gerou vendas maiores, como uma concorrência com as folheterias nordestinas, pois mesmo os folhetos coloridos sendo mais caros, eram procurados pelo público, por serem mais bonitos.

Toda essa alteração foi o resultado da mudança ocorrida no final do século XIX, principalmente, pelo avanço das impressões e o aumento do número de pessoas alfabetizadas.

Referências

AMARAL, Amadeu. **Tradições Populares**. São Paulo, HUCITEC, 1976.

BATISTA, Sebastião Nunes. *Antologia da Literatura de Cordel*. Natal: Fundação José Augusto, 1977.

BENJAMIN, Roberto E. Câmara. "Breve notícia de antecedentes da Literatura de Cordel nordestina." **Tempo Universitário**. Natal, Ed. Universitária v. VI, p. 169-188, jan/jun/1980.

DÍEGUES JÚNIOR, Manuel. *Literatura de Cordel*. **Cadernos de Folclore**. 2.ed. Rio de Janeiro: v.2, 1977.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **Cocanha**: a história de um país imaginário. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

LUYTEN, Joseph. **O que é Literatura Popular**. São Paulo: Brasiliense.2.ed. 1984.

MEYER, Marlyse. **Autores de Cordel**. São Paulo. Abril/Educação, 1980. (Literatura Comentada).

SALLES, Vicente. **Repente & Cordel**, literatura popular em versos na Amazônia. Rio de Janeiro: FUNARTE/ Fundação Nacional do Folclore, 1985.

SOUTO MAIOR, Mário. **Painel Folclórico do Nordeste**. Recife: - UFPE - Editora Universitária, 1981.